

# Um Programa Educacional para Reerguimento da Lavoura em Vinhedo

DR. DOM AIDANO ERBERT O.S.B.

(Prior do Mosteiro de São Bento, de Vinhedo,  
São Paulo)

**E'** TEMA bastante conhecido e que já dispensa comentários, a situação precária da lavoura e do lavrador. Convém, entretanto, lembrar sempre que a miséria da lavoura e do lavrador repercute, fatalmente, na economia nacional, e agrava, cada vez mais, a crise da subsistência em que vivemos.

A mecanização da lavoura, na suposição ainda vaga de que não venha a faltar gasolina, petróleo, óleo combustível abundantes e baratos, poderá remediar muito, nos setores "aproveitamento racional da terra" e "mão-de-obra", mas não é o remédio milagroso, a desejada panacéia. Nossa situação não nos permite o luxo de menosprezar as experiências feitas. Segundo reportagem do correspondente especial enviado, pelo Daily Telegraph, aos Estados do Middle-West, em 1933, os fazendeiros de Minnesota deixaram, naquela época, enferrujar seus tratores havia pouco comprados com grande entusiasmo, e voltaram a usar tração animal, porque a mecanização do trabalho agrícola se manifestara anti-econômica, devido ao elevado custo de combustível. É fácil conjecturar o colapso mortal que u'a mecanização imprevidente traria à nossa lavoura.

O remédio lento mas eficaz está na redenção da classe dos lavradores. Enquanto o produtor agrícola trabalha às cegas, pagando preços sujeitos a uma ascensão contínua, e só sabendo do preço de seu produto que será baixo, devido, principalmente, à legião dos intermediários perfeitamente desnecessários, lavoura e lavrador estão fadados a definhar, cada dia mais. O bem do País, o equilíbrio da economia nacional exige uma classe de lavradores independente e penetrada de sua função e responsabilidade social.

Independência econômica é, pois, o primeiro postulado da lavoura. Envolve as exigências de crédito suficiente, rápido, fácil, barato e a longo prazo, de preços não aleatórios, mas garantidos e compensadores, de facilidade de transportes e de eficiência técnica.

Na falta de defesa e fomento eficientes, por parte dos poderes públicos, a lavoura tem de cuidar, ela mesma, de sua independência, criando

um sistema bem organizado e orgânicamente concatenado de cooperativismo que deverá ter seu ápice, seu órgão central, na Câmara Agrária. Só quando reunidos em cooperativas de compra, venda, armazenagem, industrialização dos produtos, mecanização dos serviços, administração, previdência, seguros, crédito, etc., os lavradores exercerão livres e desembaraçados, para bem de todos, a função básica que lhes cabe no organismo político e econômico da Nação.

Esta auto-redenção da classe lavradora, imposta pela necessidade, em conseqüência das faltas e omissões dos poderes públicos, bem poderá ser, ou melhor, será necessariamente o impulso decisivo para uma ordem econômico-social, e a célula-mãe da verdadeira democracia, porque concretiza o bem comum, nas bases do solidarismo.

A despeito das imponentes massas do operariado concentrado nos centros industriais, a classe dos lavradores ainda é a mais numerosa e, qualitativamente, a camada mais sã da Nação. O esforço combinado dos lavradores, dentro dos moldes do cooperativismo, a favor de seus legítimos interesses que são os interesses de todos, porque são os interesses da subsistência, não pode deixar de contribuir, valorosamente, para a eficiência, descentralização, e desburocratização dos assuntos vitais da produção básica, e, em positivo, para o equilíbrio e a justiça social.

É fácil ver o lucro que a própria lavoura auferiria, para bem de toda a Nação, de sua organização cooperativista. Por meio de assistência técnica, controle, e pagamento dos produtos segundo o critério da qualidade, os núcleos regionais da organização cooperativista fomentariam, automaticamente, o aperfeiçoamento dos métodos de produção, o melhoramento da qualidade, e a padronização dos produtos.

Não é insignificante, porém, o potencial espiritual e moral, o valor humano que deverá animar a organização cooperativista da lavoura, pois a fonte energética de que há de regenerar-se, sempre de novo, é o espírito de solidariedade, sua alma e idealismo social, e sua função a realização do bem comum.

Isto manifesta-se logo, desde o início. A organização cooperativista dos lavradores, como organização viva, deve nascer da iniciativa dos próprios lavradores. Imposta compulsória e artificialmente, por vias burocráticas, estaria viciada, desde a raiz, por ausência do espírito solidarista.

E' preciso, portanto, criar, entre os lavradores, a mentalidade cooperativista, orientada pelo conceito social do bem comum. O espírito de solidarismo é o momento principal na organização cooperativista, e para êle o lavrador, o jovem que será o dono do futuro, tem que ser educado. Ai do país em que a legislação social protege e garante o indivíduo contra a sua própria ineficiência e incapacidade. Muito mais do que na legislação positiva, a organização cooperativista deve apoiar-se no espírito de cada lavrador, e ter sua aliada indefectível na consciência social bem formada.

Êste espírito não é coisa corriqueira que se possa supor existente nas massas. A maioria dos homens guia-se pela vantagem individual, imediata e palpável. O espírito cooperativista, o solidarismo social exige o sacrifício espontâneo, alegre dos interesses individuais pela coordenação e subordinação dos mesmos aos interesses de todos. "Um por todos, todos por um". Exige um relativo grau de maturidade social e moral.

O individualista visa sempre o maior lucro seu, sem pena do próximo. Tão cedo deixa de tirar lucro imediato, ou a curto prazo, e abandona uma empresa, uma criação, uma cultura, sem das necessidades gerais. A consequência do individualismo que, como que fatalmente, degenera em egoísmo, é o desequilíbrio.

Uma das grandes vantagens do cooperativismo, pelo contrário, é, precisamente, o equilíbrio, a estabilidade e continuidade. Dentro da organização cooperativista, não haverá lucros enormes, mas não haverá também grandes oscilações. E situações econômicas existem, em que verdadeiro progresso já está no simples fato de a situação individual de todos não piorar. Na cláusula "de todos" está o valor. Entender e apreciar devidamente esta verdade social, contra os instintos egoístas, é maturidade moral e adiantado grau de espírito social. O lavrador deve ter êste espírito. Por isto, digo: o lavrador cooperativista educa-se, não se improvisa.

E seja dito de passagem: à organização cooperativista dos lavradores deve dispensar desde logo, o funcionalismo público, produto da burocracia urbana. E' preciso formar lavradores adiantados que se dediquem, com idealismo social, ao apostolado do espírito de solidariedade, entre seus companheiros, e que se tornem aptos a dirigir as seções locais da organização cooperativista, com eficiência, e sem cair no vício tão nosso da administração entumescida.

O exemplo clássico do que deve e pode ser uma organização cooperativista da lavoura e dos lavradores, vemo-lo na Dinamarca. E' digno do mais carinhoso estudo. Vinte e poucos anos atrás

— faltam-me estatísticas mais recentes — o cooperativismo dinamarquês, o que vale dizer, o setor agropecuário todo da economia nacional da Dinamarca, administrava um movimento de 2,2 bilhões anuais de valuta normal, com um corpo total de 12.000 funcionários. Um funcionário, pois, corresponde à importância de 183.333,33.

O postulado da independência econômica da lavoura e do lavrador envolve, portanto, o postulado da elevação cultural e formação moral e social do homem do campo.

As vantagens que a existência duma classe bem formada de lavradores acarretaria para a comunidade nacional seriam múltiplas e notáveis, e importariam num saneamento geral das condições econômicas, sociais, políticas e culturais da Nação.

Convém lembrar de novo: muito mais do que o operariado industrial, os lavradores constituem a grande massa e reserva do povo, o esteio vivo da produção nacional. Seu bem-estar significaria, portanto, o bem-estar da parte precípua da Nação. A boa orientação social do homem do campo, inspirado pelo espírito de solidarismo, cooperativismo e bem comum, não tardaria em dar a todo o organismo social uma ordem firme e estável.

Sem plataformas políticas, a vasta camada de agricultores, organizada em moldes cooperativistas, representaria, de fato, verdadeira democracia, e até, o berço do espírito democrático. Ainda mais, se conseguirmos conservar e aprofundar nos lavradores uma formação profundamente religiosa que predispõe o espírito para a compreensão da continuidade histórica e, destarte, desenvolve a consciência e o solidarismo nacional, o que, sem dúvida, é o pressuposto espiritual para uma ordem política verdadeiramente democrática.

Numa classe agrária perfeitamente organizada em moldes do solidarismo cooperativista, culturalmente evoluída, e religiosamente formada, a Nação teria o tão necessário contrapeso a neutralizar as influências socialmente deletérias do proletariado industrial, a saber, uma vastíssima camada do povo, em que vivem, harmoniosamente compenetrados, os valores tradicionais e o progresso moderno. A redenção cultural do homem do campo, enfim, importaria numa apreciável elevação do nível cultural geral da Nação.

Ainda existem outras vantagens que da formação intensiva do camponês refletiriam, benêficamente, sobre o povo todo.

As condições da vida rural em geral, e o próprio trabalho agrícola favorecem a evolução da personalidade que, no clima das grandes cidades e, notadamente, no coletivismo nivelador dos trabalhos industriais, definha e degenera. Entretanto, é, precisamente, a formação de personalidades definidas, e não a diluição coletivista dos valores da pessoa, que se requer para uma vida social rica e equilibrada.

Outro lucro social de inegável urgência e importância, em nossos dias, que a sociedade colheria da elevação cultural do lavrador seria a reabilitação e dignificação do trabalho manual, em oposição à tendência cada vez mais acentuada para as sinecuras do funcionalismo público.

Enfim, a redenção econômica e social, espiritual e cultural do homem do campo traria à Nação a enorme vantagem de fortalecer, contra o nomadismo da vida moderna, principalmente, do operário industrial desarraigado da terra, a fixação da parte mais numerosa, sadia e produtiva do povo, no torrão natal, e na profissão em que nasce.

Interpretando as necessidades do tempo como desígnio da Divina Providência que, jamais, abandona a humanidade mas chama, sempre, a quem tenha o ouvido apurado, para colaborar a um futuro melhor, e considerando a atividade social, no nobre campo agropecuário: — fonte da cultura, como o próprio termo proveniente do cultivo da terra indica: — de perfeitíssimo acôrdo com a tradição 14 vezes secular da Ordem Beneditina, os monges do Mosteiro de São Bento de Santos, fundado em 1 de janeiro de 1650, resolveram dedicar-se à obra restauradora da lavoura, nos modestos moldes permitidos pelas forças de que dispõem.

O Mosteiro de São Bento de Santos concentrou, para este fim, o seu patrimônio na Fazenda Bela Vista, em Vinhedo, C.P., e para lá transfere sua sede, com o beneplácito da Santa Sé Apostólica. Os monges de São Bento de Santos sentem-se, com este indulto da Santa Sé, fortalecidos em sua intenção de trocar as comodidades da vida citadina pela simplicidade do campo, e estão convencidos do acôrdo de sua deliberação, esperando vencer todos os obstáculos que em seu caminho encontram, entre os quais as queixas saudosistas daqueles que entendem não dever ser abandonada, pelos Beneditinos, uma relíquia histórica tridentária, como seja o Mosteiro de São Bento de Santos. Esta relíquia não será abandonada. Quero frisar em público, que eu mesmo, como Prior Conventual do vetusto Mosteiro, não aceitei relutando, ou passivamente, mas promovi, por iniciativa própria, o tombamento do Mosteiro, no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A relíquia não será abandonada. Mas o nosso tempo não nos consente a situação de guardiães duma relíquia. E para o tão nobre e necessário apostolado religioso, no asfalto da cidade, sentimos faltarem-nos as credenciais da vocação.

Dignificar o trabalho manual, restaurar terras devastadas e cansadas, formar, com os próprios Mosteiros, centros irradiadores de cultura agropecuária, foi, ao lado de trabalhos espirituais e intelectuais, sempre o campo de ação social dos mosteiros beneditinos, desde a época do Patriarca do ocidente, São Bento, e as origens da Ordem Beneditina. Os monges de São Bento de Santos sentem-se, pois, sòlidamente integrados na mais vigorosa e clássica tradição Beneditina, ao voltar à condição de homens de campo. Em dependência orgânica destas atividades que já iniciaram, os

Monges de São Bento de Santos estão em vias de organizar um aprendizado agrícola, não, como talvez se possa pensar, para meninos, nem nos moldes corriqueiros duma escola.

Os cursos rurais de São Paulo, em Vinhedo, serão cursos intensivos de 6 semanas, e destinam-se a jovens de 18 a 25 anos de idade, de preferência filhos de lavradores. Para a finalidade suprema que temos em vista, e que, além do adiantamento técnico, visa a formação da personalidade, do espírito de comunidade, o impulso para uma vida ativa de lavrador, orientada pela razão do bem comum, precisamos da juventude madura. Só depois de vencer a ingrata idade de rapazola imaturo, depois de trabalhar na lavoura e adquirir um início de experiência prática da vida e um certo grau de critério próprio, quando despertam as primeiras veleidades de inicitiva própria e independência, quando a alma se manifesta em condições de assimilar, cònciamente, valores superiores, capazes de dar rumo a uma vida inteira, quando o espírito, acessível ao idealismo social, levanta vôo, no limiar, enfim, da virilidade, o jovem lavrador está apto a receber a orientação que pretendemos dar-lhe.

Querendo preparar e formar o futuro lavrador, compenetrado de sua importante função social, os nossos cursos rurais não cometerão o ingênuo êrro de tantas escolas práticas de agricultura que, durante 3 anos, encerram rapazes em palácios, e os alheiam à vida real da roça. O ambiente dos nossos cursos, de regime de internato, será propositalmente simples e de acôrdo com a realidade das pequenas propriedades agrícolas, com a única exceção de modelares instalações higiênicas e sanitárias.

O preparo escolar prévio do aluno será considerado irrelevante, nem haverá a burocracia, o pesadelo, a ficção de exames. Nem o método do ensino, mesmo teórico, será escolar, onerando a memória, mas obedecerá à tática da "mesa-redonda". Apoiar-se-á, em vez de livros, na palavra viva, simples, de fácil entendimento, cientificamente apurada, mas não doutrinária, no fluído espiritual que vai de homem para homem, quando reunidos com o coração aberto. O método será a arte do diálogo socrático que leva o aprendiz a fazer as perguntas certas, e lhe dirige o andar do pensamento. Por isso, cada estágio constará de uma só turma de 25 jovens que formarão uma comunidade de vida, uma como família.

Tendo sempre em vista a finalidade educacional dos cursos, a saber, a formação de jovens lavradores para uma vida devotada ao bem comum e aos interesses cooperativistas, da lavoura, as disciplinas do ensino, fora do programa técnico, serão de instrução geral, ou, se necessário fôr, de alfabetização, introdução à Constituição Brasileira, à legislação, economia, história e literatura, situação mundial e cooperativismo. Longe de decorar conhecimentos formalistas, os alunos deverão ficar capacitados, mediante a formação do próprio juízo, de elaborar verdadeiro entendimento das coisas.

A Religião será a atmosfera espiritual, em que tôda a vida e os trabalhos da comunidade rural se desenvolve. A Santa Missa da manhã e as palavras do sacerdote darão a cada dia a sagração e a orientação espiritual. Nos círculos de estudos, a tendência será francamente teológica, no sentido de mostrar, como Deus aparece em todos os eventos naturais e históricos, e de formar, na mente dos jovens, uma apreciação profundamente cristã do mundo e da vida humana.

Aos cursos gerais seguirão, mais tarde, cursos especializados, tanto técnicos, como de cooperativismo.

\* \* \*

Poderá parecer muito idealismo, muita boa vontade, mas coisa pouco praticável. Estamos mesmo convencidos de que a nossa obra terá que afirmar-se, talvez penosamente, em luta com a displicência e o ceticismo. De bom grado, o Mosteiro de São Bento de Santos, em Vinhedo, aceitará o apoio da Sociedade Rural Brasileira que tanto toma a peito os interesses nacionais do setor agropecuário, bem como a mão forte dos poderes públicos. Mas seja qual fôr o grau da simpatia que a nossa obra de serviço social rural mereça, ela será feita, seguindo as normas traçadas e já em via de execução, custe o que custar, porque é imperioso postulado do nosso tempo. E através das verdadeiras necessidades do tempo, fala a Vontade Divina: *Vox Temporis Vox Dei*.

\* \* \*

O programa técnico a ser realizado está traçado pelas explorações agropecuárias, e indústrias anexas, adequadas às condições mesológicas da região. Visa, não somente a quadra atual, mas também o futuro e, principalmente, o grande tema vital da agropecuária nacional, de concorrer, com produtos de alto padrão, ao menos no mercado interno, com os produtos de importação. Sob o ponto de vista técnico, visa, de modo especial, o problema da conservação e restauração do solo, por meio de aradura em contorno, culturas de rotação, arborização de faixas, em alinhamento aerodinâmico, protetores contra os ventos, e adubação racional.

I. O setor de *zootecnia* compreende a criação do gado leiteiro, porcos, aves, coelhos, abelhas, animais de trabalho, com a finalidade secundária de fornecer adubos orgânicos em grande escala.

II. O setor de *fruticultura* abrange sobretudo as frutas de clima temperado, como sejam, videira, macieira, marmeleiro, noqueira Peon, amendoeira, oliveira, pessegueiro, ameixeira, caqui, pereira, e tem, no ramo de viticultura, em vista cultivar uvas já selecionadas para mesa,

vinho e suco não fermentado, de castas superiores às atualmente cultivadas.

III. O setor de *olericultura* segue o programa de fornecer verduras e legumes, em tôdas as estações do ano, e trata do tomateiro, morangueiro, couves diversas, brócolo, couve-flor, repolho, alface, agrião, beringela, aspargo, nabo, rabanetes, salsão, acelga, espinafre, cebolas e cebolinhas, mandioquinha, chuchu, vagens, abóbora, alcachofra, alhos, beterraba, cenoura, chicória, ervilhas, quiabo, pepino, melão e melancia.

IV. O setor de *silvicultura*, com a plantação de essências florestais para lenha, postes, celulosa, resina, tanino, tábuas para caixas, e madeira de lei, toma a seu cargo os problemas do combate à erosão, por plantação de cercas de árvores protetoras contra os ventos, da proteção das nascentes, e da restauração de terras esgotadas pelo Eucalipto.

V. O setor de *culturas de subsistência* para consumo humano e animal está incumbido da cultura racional de café, milho, arroz, feijão, batatinha, mandioca, batata doce, cana de açúcar, sorgos forrageiros, leguminosas forrageiras, gramíneas para pastagens.

VI. O setor de *indústria agrícola*, com a finalidade de aproveitar e transformar os produtos que não sejam de consumo imediato, visa a manipulação de vinho de uva, suco de uva não fermentado, cidra de maçã, o preparo adequado de azeitonas em conserva, a extração de óleo de oliva, a confecção de marmeladas, figadas, pessegadas, e compotas das mesmas frutas, bem como a elaboração de derivados do leite.

VII. O setor da *mecânica agrícola e oficinas*, com a finalidade de preparar o pequeno lavrador para a mecanização da lavoura, ensinará a montagem, desmontagem, conhecimento e nomenclatura das partes e peças das principais máquinas agrícolas manuais, à tração animal e motora, os cuidados, lubrificação, consertos e ajustamentos, bem como o manejo das máquinas, e a execução prática dos trabalhos de oficina, inclusive de oficinas de ferreiro, carpinteiro e seleiro.

\* \* \*

O lavrador de amanhã deve ser competente, em todos os ramos de sua atividade. Então, cessará o processo de impiedosa exploração e devastação das terras, estará seguro o suprimento dos gêneros alimentícios, e o campo será a reserva das energias vivas da Nação e da prosperidade. "*Ager Via Paces*".

Para esta finalidade lidimamente social, o Mosteiro de São Bento de Santos, em Vinhedo, quer contribuir, com as modestas forças de que dispõe.